

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE042745

ZIGGIATTI, Léa. Abraçar um coreto. Correio Popular, Campinas, 27 maio.
2003.

Abraçar um coreto



LÉA ZIGGIATTI

Não sei dizer bem quando é que ele passou a fazer parte da minha vida. Talvez desde sempre. Quando criança, ia ao jardim pela mão de meu pai. Nas manhãs de domingo, era uma festa! Tocava a banda, como na canção do Chico, enchendo o domingo de alegria. Depois, bem mais tarde, associado aos ipês brancos, foi objeto de uma crônica primeira. Falando de ipês e de um coreto azul e prata, a crônica penetrou, de leve, num cantinho do *Diário do Povo*. E daí os coretos se tornaram símbolo e obsessão. Vi o Coreto do Jardim do Pará ser ameaçado, ele, o mais modesto e poético dos coretos de Campinas. E saí em sua defesa, com fotografia e tudo, numa reportagem para o *Diário*. Perguntava ao prefeito Miguel Vicente Cury, num desafio: “– Por quê destruir um poema?” O coreto foi salvo, assim como o chafariz que integrava o Jardim do Pará.

Mais tarde, sonhei com coretos. Aquele, do Jardim Carlos Gomes, apagado e infeliz como é hoje. Ao redor dele, estátuas gigantes, representando bandeirantes de botas e chapéu. No sonho, estava desesperado. Era preciso acender a luz do Coreto. Corajosamente, caminhei para ele no exato momento, em que as estátuas gigantes começaram a andar, tentando impedir que eu me aproximasse para acionar a sua luz. Assim, da obsessão e do espanto nasceu o símbolo. O Coreto passou a ser o símbolo de uma escola, com todo o conteúdo que trazia em si mesmo: Coreto é luz, é arte, é música, é tradição e é sonho.

E Gilfredo, anjinho das reformas, surge para dar forma a uma

história. De Gilfredo, anjinho azul e de Serafinzinho, todo cor de rosa, cuja missão seria resgatar a luz e a música para o triste coreto de um jardim. Lutando contra Diabões e donas Mentiras, os dois anjos conseguem a proeza de devolver a paz e a luz ao Jardim. Constatei então que a minha missão estava clara e que as meta das escolas de arte seria reviver coretos e espalha-los em redor de nós, cultivando, através deles, o sonho, a beleza, a música e a paz.

Foi então que construímos, de forma concreta, um coretinho branco e azul, para plantá-lo, em pleno Convívio, na Rua Regente Feijó, como um ponto de súbito repouso na rua em movimento. E o Coretinho do Conservatório se impôs, por alguns anos, fazendo parte de todo o bulício do Centro da cidade, acolhendo, à tardinha, grupos de música, de poesia, de teatro e de dança. Com o incêndio do Conservatório da Rua Regente Feijó, em 1982, o Coretinho se encolheu na sua mudez e no esquecimento de todos. Resolvemos então resgatar o seu destino, e fazê-lo acompanhar o nosso. Mudou-se para a Avenida Dr. Moraes Salles, para a Rua José de Alencar e, nos últimos anos, para a Rua Sampainho, no Cambuí.

Agora, com a mudança do Conservatório para a Rua Antonio Lapa, parece ter encontrado o seu lugar definitivo. E ali está ele, se alojando feliz e radiante, vestido de rosa e prata, numa pequena praça que tomará o seu nome, na confluência da Antonio Lapa com a Padre Almeida. Pretendemos agora que ele se assente ali, tranqüilo e eterno, comemorando seus

27 anos de vida. Agora, ele se rodeia de novos amigos e se vê protegido por parceiros

**Com a ajuda de todos,
Campinas daria início a
uma nova era, oferecendo
a tranqüilidade dos bancos
e a doçura da música
para recuperar a cidade**

que se tornaram sentinelas da sua presença nos bancos que enfeitam a praça: a Sociedade dos Amigos do Cambuí, a

CPFL, o Pentagon Language, o Conservatório, o Coronel Mostarda, a Lojinha do Artista e a Secretaria de Cultura compõem um compromisso de preservar o seu instante e o da praça que leva o seu nome.

Gostaria que os outros coretos da cidade conseguissem também se cercar de amigos para preservarem a sua integridade. Assim, se eles forem preservados, os jardins e as praças também seria preservados. E se faria luz nos coretos pichados, desmerecidos pelo tempo e pelo desuso, e eles ressurgiriam como símbolo de uma cidade que luta

para recuperar a sua auto-estima. E que merece ser respeitada. Quem sabe começar por aí? Os moradores e amigos do Jardim Carlos Gomes perderiam um

**Gostaria que os
outros coretos da
cidade conseguissem
também se cercar de
amigos para preservarem
a sua integridade**

pouco do seu tempo para discutir o destino do seu Coreto, os do Centro de Convivência se uniriam para pensar e resolver seus inúmeros problemas e, em vez de um Orçamento Participativo, descobriríamos em cada um de nós uma ação comunitária em prol daquilo que está próximo de nós e que faz parte do nosso cotidiano. E, assim, com a ajuda de todos, dentro de seus mundos particulares, Campinas daria início a uma nova era, de esperança e de paz, oferecendo a tranqüilidade dos bancos e a doçura da música para recuperar, de novo, para as gerações futuras, a cidade que tanto amamos.

